

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

MODELAGEM EM ARGILA COM ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: VALORIZANDO A CULTURA INDÍGENA¹

Nelci Bento Garcia Mendes²

RESUMO

Este artigo intitulado “Modelagem em Argila com Estudantes do Nono Ano do Ensino Fundamental: Valorizando a Cultura Indígena”, tendo como referência o Projeto de Intervenção pedagógica e a Produção Didática Pedagógica, ambos de mesmo título, apresenta o desenvolvimento e os resultados obtidos com a implementação destes trabalhos em sala de aula, com 25 estudantes, período vespertino, do Colégio Estadual Barão do Cerro Azul. As práticas pedagógicas realizadas tiveram como ponto de partida o objetivo que se queria atingir, ou seja, “Promover atividades de cerâmica em sala de aula visando estimular a criatividade e a sensibilidade, tendo como referência a cultura indígena, a fim de destacar sua importante contribuição na história de identidade e cultura do país até os dias de hoje”. Focando sempre nesse propósito e pensando ir além do processo ensino-aprendizagem, as atividades e vivências foram embasadas no conhecimento da técnica artística de modelagem nas concepções da artista japonesa Shoko Suzuki e a valorização da arte popular produzida pelos indígenas na visão do antropólogo e escritor brasileiro Darcy Ribeiro, conhecido por seu grande interesse em relação aos índios e à educação no país.

Palavras-chave: Cerâmica; Modelagem; Cultura Indígena.

INTRODUÇÃO

A arte é apresentada na sociedade como uma área de conhecimento que teve um grande percurso para ser reconhecida institucionalmente como sendo uma disciplina. Dessa forma é fundamental que se trabalhe as Artes Visuais na sala de aula, realizando sempre uma reflexão sobre sua importância

¹ Artigo apresentado como requisito parcial ao Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE no Departamento de Políticas e Programas Educacionais da Secretaria do Estado da Educação – SEED, sob a orientação da Prof^a Dra. Cândida Alayde de Carvalho Bittencourt, do Departamento de Arte da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

² Professora formada em Educação Artística pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), no ano 2001. Atualmente leciono no Colégio Estadual Barão do Cerro Azul na cidade de Ivaiporã – Paraná.

no desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor dos estudantes por meio das diversas linguagens artísticas existentes, identificando e demonstrando como o estudante pode se desenvolver na aprendizagem das Artes Visuais em especial da Modelagem.

Durante sua vida, o estudante busca explorar tudo o que o rodeia por meio do tato, ou seja, da manipulação dos objetos que aguçam sua curiosidade e nós como professores, devemos valorizar essa curiosidade buscando desenvolver atividades que instiguem essas características. A modelagem por sua vez é basicamente sensorial, podendo ser trabalhado por meio de diversos materiais, sua abordagem permite a melhora da motricidade do estudante assim como sua capacidade de criatividade. As Diretrizes Curriculares da Educação Básica: arte, afirma que:

O ensino de Arte deve basear-se num processo de reflexão sobre a finalidade da Educação, os objetivos específicos dessa disciplina e a coerência entre tais objetivos, os conteúdos programados (os aspectos teóricos) e a metodologia proposta. Pretende-se que os estudantes adquiram conhecimentos sobre a diversidade de pensamento e de criação artística para expandir sua capacidade de criação e desenvolver o pensamento crítico. (DCE, 2008, pg.67)

Vale ressaltar ainda que a modelagem em argila esteja intimamente ligada à cultura indígena, sendo que o ensino de História e Cultura Indígena, hoje é obrigatório nas escolas, imposta pela Lei 11.645/2008.

Sobre esse assunto vale destacar o comentário da professora Marcia Garcia participante do GTR (atividade 3 – Fórum: A relação do projeto de intervenção pedagógica com os desafios identificados pelo professor PDE em sua escola) “Gostaria de destacar como ponto relevante do seu projeto a articulação entre teoria (pesquisa bibliográfica) e prática (material didático) ao tratar da questão da diversidade no espaço escolar, e ao buscar soluções a esta problemática por meio do ensino de arte e da cerâmica. É imperativo que os professores de Arte e profissionais da área da educação percebam o potencial da arte para favorecer o processo de aprendizagem na perspectiva do respeito as diferenças e da valorização da diversidade. Podemos afirmar que a arte tem potencial para romper com as práticas sociais excludentes em relação ao povo e a cultura indígena. Por meio das atividades

artísticas podemos apresentar aos nossos alunos a herança indígena como uma das matrizes e dos “matizes” que compõe nossa cultura e nossa história. E, deste modo, levá-los a reconhecer a importância e a riqueza dessa herança enquanto componente constituinte da nossa identidade cultural. Tais ações estariam em conformidade com as propostas de políticas públicas educacionais voltadas à democratização do ensino e à defesa dos direitos humanos, como a Lei nº 11.645/2008 por exemplo. Em relação ao ensino de Artes, concordo com a necessidade de apresentar obras de artistas indígenas, não vinculados à tradicional corrente ocidental da História da Arte, conforme se propõe ao mostrar o trabalho de Shoko Suzuki e também a cerâmica Marajoara. Nessa perspectiva procura abrir os horizontes de seus alunos para a compreensão de outras culturas, de outros linguagens e modos de pensar, num mundo cada vez mais próximo, procurando construir uma sociedade pluralista. (Gadotti, 1992)

Nossa concepção de história da arte não é linear, mas pretende contextualizar a obra de arte no tempo e explorar suas circunstâncias. [...] Idéias, emoções, linguagens diferem de tempos em tempos e de lugar para lugar e não existe visão desinfluciada e isolada. Construimos a história a partir de cada obra de arte examinada pelas crianças, estabelecendo conexões e relações entre outras obras de arte e outras manifestações culturais (BARBOSA, 2007, p. 19).

Lecionar Artes no ensino regular me permitiu reconhecer quais atividades são mais atrativas para o estudante, sendo a manual, uma das que apresentam melhores resultados tanto em produção, quanto em participação. Realizo constantemente atividades em que os estudantes são levados a construir suas próprias obras, dando significados às formas que elaboram e estimulam sua criatividade.

Durante a primeira etapa desse trabalho, foi imprescindível realizar essa sondagem para identificar as necessidades, interesses e perfis dos alunos, principalmente quanto às dificuldades em reconhecer o valor da cultura silvícola. Dessa forma pensei que associando a cultura indígena ao conteúdo de modelagem em argila, com os estudantes do nono ano, teria um bom resultado, pois faríamos um trabalho em que o ver, sentir, criar e compreender o processo de transformação da argila estaria aliada a uma atividade prazerosa

que além de resgatar a história de nossas raízes, ainda estimularia o domínio motor, a auto-expressão, a interação lúdica e o desenvolvimento interpessoal. Ampliando os conhecimentos dos estudantes sobre essa cultura e esse povo que é tradição do nosso país.

Essa etapa do trabalho, o fazer artístico, foi muito gratificante, pois o conhecimento adquirido durante as aulas de estudos era visível na confecção das peças.

Por outro lado, percebeu-se também o quanto é difícil para o professor de arte trabalhar certas atividades práticas, por falta de espaço e materiais adequados. A modelagem era feita em sala de aula mesmo, e as peças úmidas eram guardadas em um armário na biblioteca. Já para a pintura, usamos as mesas da biblioteca, por serem maiores. Os materiais, alguns a escola ofertou e outros eu providenciei. Essa dificuldade também foi citada por vários participantes do GTR que como eu também tiveram que fazer improvisações para executar esta atividade.

A proposta foi dividida em 32 horas de aula, distribuídas entre apresentação do projeto, textos e vídeos sobre os temas: modelagem em argila e cultura indígena, e atividades práticas de modelagem com o barro.

APONTAMENTOS TEÓRICOS

A ARTE INDÍGENA

Com as novas legislações (leis) ampliou-se a presença da cultura indígena no ensino e na sociedade. Essa arte data de muito antes da chegada dos colonizadores portugueses, período conhecido como período pré-cabralino. Em conjunto, elas se destacaram em diversos setores, como na cerâmica, no trançado, na plumária e em especial nos enfeites de corpo.

A arte indígena clássica fazia uso basicamente daquilo que se encontrava disponível na natureza ao seu redor, ou seja, apresentavam somente elementos naturais em sua composição criativa, se destacando os seguintes elementos: madeira, palhas, cipós, resinas, ossos, dentes, couro,

conchas, pedras, sementes, plumas, tintas de produção própria, entre os demais elementos presentes na atualidade. (MATTOS, 2002)

Existe uma área da cultura indígena que é importante ser ressaltada, sua ligação com a espiritualidade é constante, sendo que suas obras possuem significados variados para cada tribo, porém a aura de mistério e exotismo se acentua em toda sua construção e composição.

A modelagem em argila é destaque pelo seu caráter tradicional e seu forte utilitarismo, em que além de beleza e expressão sentimental, cada peça possui uma função. É importante destacar que a preocupação desse artista é com a preservação da tradição herdada e não com a criação incessante do novo. Essa arte não representa a personalidade de quem o faz, mas sim de uma tribo, por isso é tão diversificada.

A arte que vamos destacar aqui é a da cerâmica, por ser este o objeto de pesquisa, estudo e implementação deste artigo. As cerâmicas mostram os muitos costumes dos povos indígenas, cada peça é destinada a uma função e características próprias de um povo.

A princípio eles sentiram a necessidade de armazenar água e alimentos, daí surgiram as primeiras peças de cerâmica, para mais tarde irem evoluindo e criando outras tantas, também utilitárias no cotidiano. O serviço de coletar o barro nas margens dos rios era das índias, que misturavam mais alguns componentes orgânicos e minerais para dar uma boa liga e conseqüentemente também, proporcionarem uma boa produção. Essa produção poderia conter: vasos e recipientes, assim como esculturas, licocós (pequenos bonecos que mostram as várias atividades da tribo), estátuas e instrumentos, utilizando sempre uma linguagem artística que ainda nos impressiona. Algumas aparentam uma confecção simples e outras mais elaboradas, mas o que é interessante é o fato de que nenhuma delas era produzida com a ajuda da roda do oleiro, mais conhecido, como torno. São assim, por exemplo, as peças da Ilha de Marajó, que são divididas em dois tipos a de Santarém e Marajoara.

A CULTURA SANTARÉM E MARAJOARA

As peças de Santarém apresentam como característica principal, a de possuir um tamanho pequeno, porém contendo uma decoração muito complexa, ornamentadas em relevos contendo figuras humanas ou de animais. Em contrapartida as peças Marajoaras, que podem ser divididas entre os vasos de uso doméstico e os vasos cerimoniais e fúnebres, apresentam como suas principais características: tamanhos grandes e costumeiramente possuem pinturas bicromáticas ou policromáticas, contendo em suas composições deuses ou animais. (MATTOS, 2002)

As cerâmicas de Marajoara e de Santarém apresentaram um declínio evidenciado durante os anos, este declínio se acentuou com a desvalorização da cultura indígena, considerando ainda a dificuldade social enfrentada pela comunidade indígena em se manter com a constante invasão da cultura européia no Brasil, estes fatores acentuaram o declínio destas cerâmicas e conseqüentemente ocasionaram o desaparecimento destas expressões artísticas. Porém, alguns artesãos descendentes de índios tentam preservar e manter a tradição marajoara, fabricando réplicas da cerâmica, para incentivar o turismo e o comércio local em algumas cidades próximas à região, ajudando, assim, a divulgar os trabalhos indígenas e a preservar um dos maiores patrimônios culturais do Brasil. Desse modo, diversas cerâmicas são produzidas atualmente, visando assim atender as demandas dos turistas. Atualmente se encontra disponível um material muito importante sobre o catalogamento da obra Marajoara, sendo disponibilizado no site Museu Goeldi com o título "Cerâmica Marajoara: a comunicação do silêncio".

O ANTROPÓLOGO DARCY RIBEIRO

Ao se aprofundar sobre como ocorreu à formação étnica e cultural do povo brasileiro é crucial se conhecer as obras de Darcy Ribeiro, em especial seu "O Povo Brasileiro – A formação e o sentido do Brasil", editado em 1995 e escrito por Darcy Ribeiro. Seu livro aborda a questão das matrizes culturais e dos mecanismos de formação étnica e cultural do povo brasileiro. O autor foi um marco e um ponto de referência na história brasileira no que diz respeito à vivência e cultura indígena.

Darcy Ribeiro foi um antropólogo, escritor e político brasileiro, conhecido

por seu grande interesse em relação aos índios e à educação no país. É considerado mais que um intelectual, um realizador, pela proliferação de ideias e o ímpeto para concretizar projetos. Sua produção na área da educação e da cultura deixou marcas no país: criou universidades, centros culturais e uma nova proposta educativa com os Centros Integrados de Educação Pública, além de deixar inúmeras obras traduzidas para diversos idiomas. (NASCIMENTO, 2001)

Segundo Dra. Maria Isabel Moura Nascimento (Unicamp), o antropólogo viveu dez anos junto às populações indígenas. Desse período, resultaram algumas das suas principais obras – entre elas Kadiwéu, coletânea de ensaios sobre o saber, o azar e a beleza, considerados um clássico da etnologia, da mitologia e da arte dos antigos índios Guaicurús.

Outro importante trabalho é "Diários Índios", em que reproduz na íntegra as anotações feitas durante as expedições com os índios Urubu-Kaapor, nos anos de 1949 e 1951, época em que trabalhava no extinto SPI (Serviço de Proteção aos Índios). Lá, conheceu o Marechal Cândido Rondon, que presidia o Conselho Nacional de Proteção aos Índios e que acabou por influenciar, profundamente, o trabalho que desenvolvia junto às comunidades indígenas.

Na relação de feitos do antropólogo Darcy Ribeiro estão as criações do Museu do Índio e do Parque Nacional do Xingu, todos esses anos de convívio e estudo da cultura indígena e dezenas de livros acabaram resultando em uma das publicações mais importantes do etnólogo Darcy Ribeiro: "O Povo Brasileiro" (obra citada no início do texto). O autor consumiu 30 anos de trabalho até terminar esse que é um dos mais fiéis retratos da formação do povo brasileiro.

Foi escrito em Maricá, cidade do litoral do Rio de Janeiro, para onde Darcy Ribeiro fugiu, abandonando o hospital em que estava internado e, segundo suas próprias palavras no prefácio do livro, "na iminência de morrer sem concluí-lo", tendo sido esta obra o seu maior desafio. A propagação de suas ideias reformistas aconteceu também fora do Brasil, nos países da América Latina. Darcy Ribeiro falece em 17 de fevereiro de 1997.

No documentário DARCÝ, "Um Brasileiro", o jornalista e escritor Eric Nepomuceno diz que Darcy pensou muito grande e que carrega consigo uma das frases dita por ele (Darcy), que lhe serviu como definição para sua vida:

“Nessa América Latina, nós só podemos ser duas coisas: resignados ou indignados e eu não vou me resignar nunca”.

A ARTE DA CERÂMICA

Para uma peça ser considerada cerâmica ela deve passar por vários processos. O barro argiloso é retirado das margens de rios, quando a preferência é dada aos lugares onde se pode encontrá-lo mais limpo e sem mistura. Alguns ceramistas não usam a argila pura por ela encolher muito ao secar e às vezes até quebrar, mesmo antes de ir ao forno. Então acrescentam ao barro substâncias que facilitam a modelagem e tornam a argila pura menos pegajosa, e mais resistente o material quando seco. Essa mistura recebe o nome de pasta cerâmica. Uma das substâncias muito usada para essa mistura é uma porção de argila já cozida e triturada, fina ou grossa, como queira o artesão.

Após a pasta pronta, bem amassada para retirar as bolhas de ar, ela poderá ser armazenada embalada se quiser, ou para já ser trabalhada.

[...] a arte do oleiro, que está a pedir horas de paciente labor,
[...] Se a pasta não for bem homogênea e não tiver certa consistência, o pote não tomará feitiço; se o calor não for uniforme, a louça estalará. (CRULS, 1952, p.100)

Existem dois tipos de modelagem em argila, a manual e a modelagem com torno. Na primeira, as mãos apertam e esticam o barro determinando a forma e o tamanho da peça. Para dar acabamento usam-se ferramentas bem simples como palitos de madeira, rolos, esponjas, espátulas e outros objetos que a criatividade pedir, ora para dar forma, ora para fazer decoração, acrescentando-se texturas, colando-se pequenos adornos de argila, ou desenhando.

A modelagem usando o torno permite maior rapidez e perfeição na confecção das peças. O oleiro impulsiona a roda com a mão ou o pé, e com as duas mãos molhadas vai modelando e dando formas à pasta cerâmica. Assim todas as formas feitas se repartem por igual simetricamente, já que ela gira continuamente em cima da máquina.

Nas duas formas de modelagem, o ceramista deve primeiro pensar na forma que vai dar à sua peça e não se esquecer de algumas regras básicas para que ela suporte o cozimento no forno sem se quebrar. Como por exemplo: a peça deve ser oca para que ocorra um cozimento homogêneo; não pode conter bolhas, se não há a possibilidade de explodir a peça; a obra deve estar totalmente seca ao ser introduzida no forno. (COLL, 1999, p.55).

Segundo a ceramista Shoko Suzuki, modelar com argila significa trabalhar numa arte que tem a idade da humanidade, utilizando os quatro elementos da natureza: a terra, o ar, a água e o fogo.

IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO / PRODUÇÃO DIDÁTICO PEDAGÓGICA

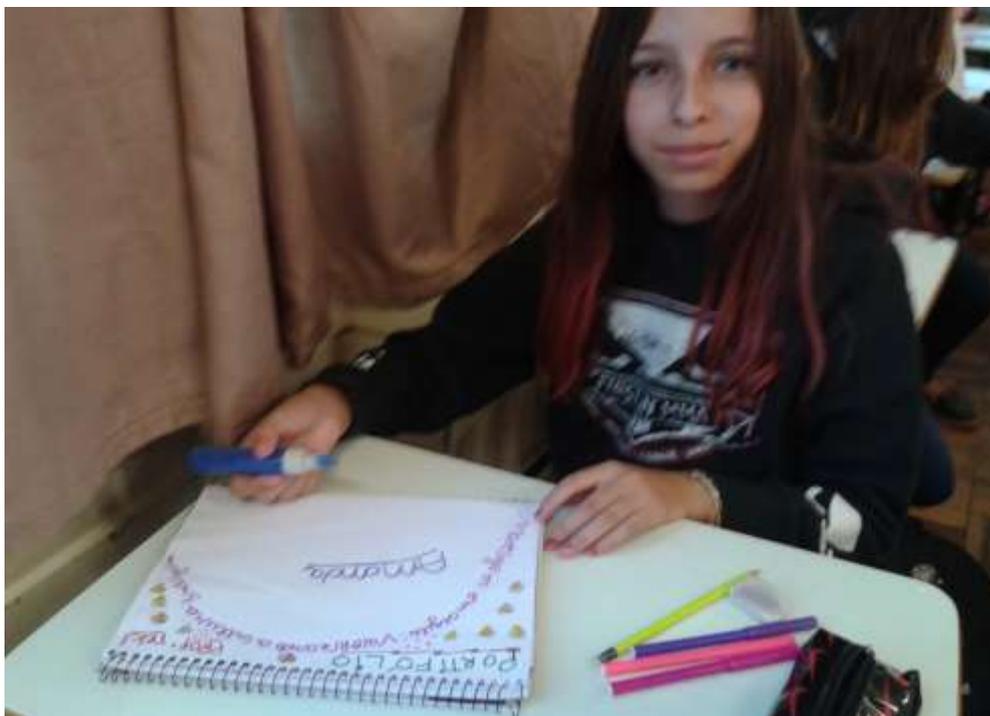
Considerando o objetivo proposto no Projeto de Intervenção Pedagógica na escola e a metodologia descrita na Unidade Didática, apresento na sequência as ações realizadas na implementação do projeto. Ao todo foram 32 horas de aula, distribuídas entre apresentação do projeto, textos e vídeos sobre os temas: modelagem em argila e cultura indígena, e atividades práticas de modelagem com o barro.

De início apresentei aos estudantes o projeto: o que era, o porquê, como foi elaborado e a quê finalidade. Receberam as informações, digo que um pouco curiosos no início, já que não era um conteúdo comum a eles,, estudantes do nono ano. Fiz um breve relato sobre o meu trabalho de pesquisa e escrita até a conclusão do mesmo e logo após, uma previsão do que nós iríamos estudar e trabalhar durante a implementação desse projeto. Alguns (poucos) que já haviam tido contato com a argila em outro momento, quiseram contar suas experiências e opiniões. Aceitaram com grande entusiasmo e boas expectativas.

Na aula seguinte falei como seria a forma de avaliação das atividades desenvolvidas, que também era novo para eles: Portfólio. Confesso que ninguém conhecia então expliquei como era feito, passei um vídeo para melhor entendimento e disse que o caderno deles mesmo, o de arte, seria dividido ao meio, uma parte só para o portfólio e outra com atividades referentes à disciplina. Na parte do portfólio eles poderiam também registrar suas próprias

opiniões e ideais sobre o assunto, quando quisessem, mesmo fora do horário de aula.

Figura 1 - Exposição dos Trabalhos Produzidos na Implementação



Fonte: acervo pessoal

Figura 2 - Exposição dos Trabalhos Produzidos na Implementação



Fonte: acervo pessoal

Como primeira atividade, propus que criassem uma capa bem criativa para o portfólio. Para isso disponibilizei vários materiais como: papéis coloridos, retalhos de EVA, colas coloridas, colas com glitter, canetas hidrográficas, gizes de cera, revistas, tesouras e retalhos de tecidos. Foi uma aula muito descontraída e com participação geral, e o resultado, melhor que o esperado.

O assunto dessa aula foi sobre a Arte da Cerâmica. Distribuí textos que lemos juntos, parando e discutindo conforme os assuntos abordados fossem pertinentes. Algumas partes, as de suma importância, pedi que anotassem no portfólio. Muitas perguntas surgiram, como por exemplo: se os outros barros comuns também era possível modelar; se quando colocassem líquidos em uma vasilha feita com argila não sujaria a água; e até perguntas fora do tema: como o vidro era feito? Alguns citaram peças que possuíam em casa e vários falaram do filtro de água de barro; sobre o tijolo, se era o mesmo processo e dentre eles mesmo, um que já conhecia a fabricação, fez comentários sobre a olaria. Houve a interação e inter-relação dos alunos.

No outro dia passei um documentário que aborda a vida e obras da artista japonesa ceramista Shoko Suzuki, intitulado de “Shoko Suzuki – Cerâmica e Tradição”, e disponível na internet pelo endereço: cuja sinopse é: “Neste documentário, passeamos pela casa/ateliê da ceramista Shoko Suzuki, em São Paulo. A artista, de origem japonesa, fala da presença da cerâmica em sua infância, dos preconceitos que enfrentou ao decidir ser ceramista, da decisão de vir ao Brasil, inspirada por um documentário sobre a criação de Brasília, e de como se sentiu acolhida no país. Suzuki fala de seu processo de criação e mostra suas obras, comentadas também pelo crítico de arte Jacob Klintowitz e familiares. Acompanhamos seus gestos ao amassar o barro, ao tornear as peças, ao juntar cobrinhas, ao cortar e alisar para dar acabamento. Seus gestos, que gravam desenhos em sua superfície, pintam, cobrem de verniz preparado por ela mesma, e o ritual da queima nos convida para conhecê-la melhor.”

Os estudantes se entusiasmaram com a história de vida da artista e acharam muito interessante, muitos não conheciam e nunca haviam falado sobre o torno e o forno. A queima então foi o que mais comentaram ao final do vídeo. Falaram sobre a dedicação e trabalho que envolvia a família toda, e

principalmente o capricho da artista em fazer questão de criar e fabricar tudo praticamente sozinha e manualmente, até mesmo o forno. Ao final do debate, entreguei-lhes uma folha colorida de sulfite para que escrevessem tudo o que haviam aprendido até o momento sobre a cerâmica. Depois recortaram de um jeito diferente as sobras da folha e colaram no portfólio.

Figura 3 - Alunos Trabalhando com a Argila - Modelagem



Fonte: acervo pessoal

“Colocando a Mão na Massa” foi o próximo passo. Foi uma aula de descobertas para a maioria dos estudantes, pois muitos nunca haviam posto a mão e nem conheciam a argila. Alguns se lembraram da infância quando brincavam com barro fazendo “comidinhas”, “bolinhos” e outros. Pedi, então, que fechassem os olhos e sentissem o barro nas mãos, que manusessem à vontade. Depois de um certo tempo sentindo o barro, a proposta era que fizessem uma peça qualquer ainda com os olhos fechados. Ao abri-los ficaram surpresos com o que viram, riram bastante. Pedi então que dessem continuidade à peça, melhorassem, tirassem ou acrescentassem o que achassem que fosse necessário. Quando eu disse que aquelas peças iam voltar para a sacola, que era apenas uma aula experimental com argila, eles reclamaram um pouco, mas no final entenderam. Disse a eles que iríamos

estudar mais, que pesquisáramos formas e modelos, para depois voltarmos a mexer com o barro. O contato com o barro foi muito satisfatório e sem rejeição.

Na sala de informática, já em outra aula, os estudantes pesquisaram modelos de peças de cerâmica, depois desenharam as que mais gostaram, sendo uma com características indígenas, uma contemporânea e uma livre, para que usassem como inspiração na hora da modelagem. Na aula seguinte foram distribuídos jornais para forrarem as carteiras, meio quilo de argila, uma caneca de plástico com água, palitos e objetos para texturizar a argila. Falei que não poderiam fugir dos temas ao modelar as peças. Deixei livre para que escolhessem por qual começar (indígena contemporânea ou livre).

Figura 4 - Alunos Trabalhando com a Argila - Modelagem



Fonte: acervo pessoal

Começaram a amassar o barro, tirando algumas impurezas e, aos poucos foram surgindo formas diversas. Individualmente eu ia passando pelas carteiras e orientava-os quanto à espessura, para que não ficasse muito fino, para costurar bem as partes que queriam ligar umas às outras, e outros

cuidados que deveriam tomar ao modelar para que não ocorressem rachaduras no momento de secagem das peças.

Figura 5 - Exposição dos Trabalhos Produzidos na Implementação



Fonte: acervo pessoal

Figura 6 - Exposição dos Trabalhos Produzidos na Implementação



Fonte: acervo pessoal

No final de cada aula as peças eram colocadas dentro de um armário com prateleiras na biblioteca, para a secagem natural, limpávamos as carteiras e deixávamos a sala organizada para a próxima aula. Posso dizer que noventa e nove por cento da sala participavam de tudo, até mesmo na hora da limpeza e organização. Essas aulas de modelagem se repetiram por várias vezes, até que todos se deram por satisfeitos com suas peças. Os alunos se envolveram na atividade e produziram peças muito criativas.

Figura 7 - Alunas Trabalhando na Pintura das Peças.



Fonte: acervo pessoal

Utilizamos as mesas da biblioteca para dar início então à fase da pintura e acabamento. Sempre forrando as mesas, com canecas de água para lavar os pincéis e retalhos de pano para enxugá-los, tinta guache de várias cores e pincéis de tamanhos variados. Começamos pelas peças que estavam bem secas e o primeiro passo foi pintá-las de branco, dar o fundo. Depois do fundo seco podia-se desenhar a lápis nas peças, fazer detalhes, linhas para dividir partes que receberiam cores diferentes. As peças estavam prontas para serem pintadas com cores e combinações conforme os estudos realizados, dando uma atenção especial à peça indígena. Os estudantes adoraram essas aulas.

No final de cada aula, colocávamos as peças no armário novamente, agora para a secagem da tinta. Ao todo foram três dias de duas aulas até finalizarmos toda a pintura.

Figura 08 – Alunos Trabalhando na Pintura das Peças.



Fonte: acervo pessoal

Ao final do trabalho fomos visitar a Reserva Indígena do Ivaí em Manoel Ribas, em que estava acontecendo uma Mostra Cultural no Colégio Estadual Indígena Cacique Gregório Kaekchot, onde expuseram em salas, trabalhos de alunos e professores. Tivemos a oportunidade de contemplar a riqueza dessa cultura e de reforçar a importância da valorização e resgate da mesma. Os alunos ficaram encantados com tudo, umas alunas tentaram soletrar palavras em Kaingang com ajuda de um professor, outros alunos pararam na barraca de comidas e até provaram o coró, uma espécie de larva. Saíram de lá prometendo retornar no próximo ano e querendo aprender a fazer alguns trabalhos manuais que viram na mostra. Segue algumas imagens registradas na visita.

Figura 09 – Mostra Cultural Indígena



Fonte: acervo pessoal

Figura 20 – Mostra Cultural Indígena



Fonte: acervo pessoal

Figura 31 – Mostra Cultural Indígena



Fonte: acervo pessoal

Figura 42 – Mostra Cultural Indígena



Fonte: acervo pessoal

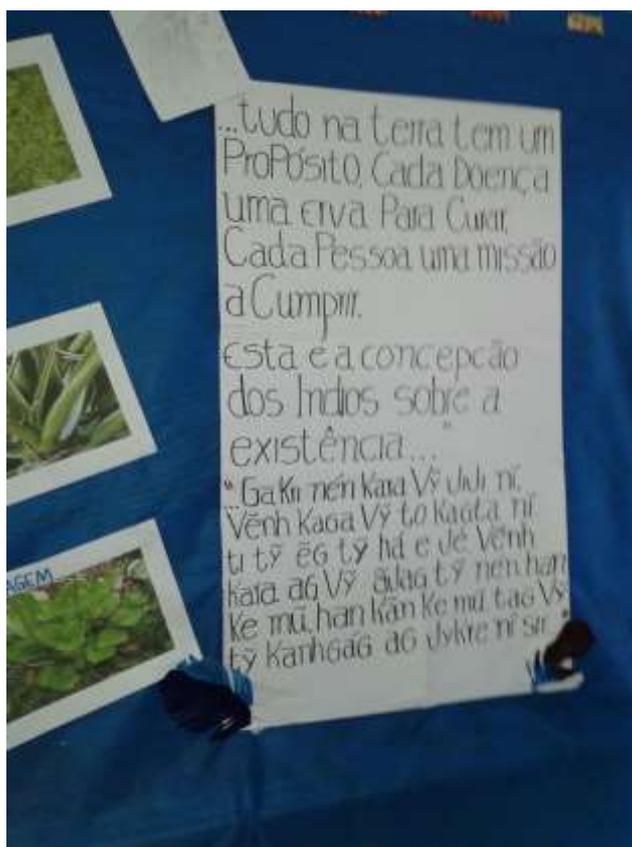
Figura 53 – Mostra Cultural Indígena



Fonte: acervo pessoal

Ao final do trabalho fomos visitar a Reserva Indígena do Ivaí em Manoel Ribas, em que estava acontecendo uma Mostra Cultural no Colégio Estadual Indígena Cacique Gregório Kaekchot, onde expuseram em salas, trabalhos de alunos e professores. Tivemos a oportunidade de contemplar a riqueza dessa cultura e de reforçar a importância da valorização e resgate da mesma. Os alunos ficaram encantados com tudo, umas alunas tentaram soletrar palavras em Kaingang com ajuda de um professor, outros alunos pararam na barraca de comidas e até provaram o coró, uma espécie de larva. Saíram de lá prometendo retornar no próximo ano e querendo aprender a fazer alguns trabalhos manuais que viram na mostra.

Figura 65 – Mostra Cultural Indígena



Fonte: acervo pessoal

E para fechar com chave de ouro, no final da visita fomos presenteados com uma belíssima apresentação de música e dança, cujo significado e intuito era o de dar as “BoasVindas” aos visitantes. Creio que essa visita contribuiu muito para reforçar todo o trabalho em sala de aula que visava conhecer um pouco da cultura indígena e reforçar a importância da sua valorização. Com certeza essa experiência sempre será lembrada com carinho e respeito pelos que por ali passaram.

Chegou então o momento de expor os trabalhos dos nossos alunos! Exibir a produção feita pelos estudantes é uma etapa muito importante da aprendizagem, pois com o reconhecimento do seu trabalho ele se sente estimulado a se empenhar e produzir o seu melhor.

Os trabalhos foram expostos num corredor da escola. Cobrimos uma mesa com TNT e dispomos as peças, todas identificadas com os nomes dos estudantes/artistas e na parede fixamos um cartaz com a identificação do projeto e nome da professora responsável. Toda a comunidade escolar, alguns

pais e representantes do núcleo puderam visitar e apreciar a exposição.

Recebemos muitos elogios e alguns até tiravam fotos. Os trabalhos ficaram expostos por uma semana e no final cada estudante levou suas peças para casa. Aliás, eles estavam ansiosos para logo poderem levar suas peças. Um ponto muito positivo, pois é a valorização e reconhecimento de seus próprios esforços. Houve um clima de camaradagem por parte de todos ao final dos trabalhos. Notou-se que os alunos se comunicaram e se expressaram, trocando ideais sobre a cultura indígena com senso crítico e sem discriminação.

Figura 21 - Exposição dos Trabalhos Produzidos na Implementação



Fonte: acervo pessoal

Figura 21 - Exposição dos Trabalhos Produzidos na Implementação



Fonte: acervo pessoal

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que os objetivos (Refletir sobre o processo de transformação do barro; Perceber e sentir a textura, temperatura, resistência, forma e maleabilidade do barro; Conhecer e valorizar a cultura indígena; Possibilitar formas de expressão artísticas através da manipulação do barro estimulando a criatividade) e os resultados das atividades (leituras, debates, visualizações de imagens e vídeos, comentários, discussões e produções manuais) desenvolvidas durante a implementação, foram alcançados e satisfatórios. Ao participar dessas atividades de interação e conhecimento, os educandos tiveram oportunidade de se relacionar, questionar, experimentar, refletir e contextualizar os trabalhos artísticos e conhecimentos adquiridos, voltando-se para a compreensão e reconhecimento da importante contribuição da cultura indígena em nossas vidas e em nossa história.

REFERÊNCIAS

ARTE. In: **Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras**. Estud. av. vol.3 no.7 São Paulo Sept./Dec. 1989. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300010>. Acesso em 31/Mai/2016.

BLOG DO ARTESANATO. **Cerâmica Marajoara: a riqueza do artesanato da Região Norte do Brasil**. Disponível em:< <http://www.hak.com.br/artesanato/ceramica-marajoara-a-riqueza-do-artesanato-da-regiao-norte-do-brasil/>>. Acesso em 31/Mai/2016.

BRASIL, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COLL, César; TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo Arte: Conteúdos essenciais para o Ensino Fundamental**. São Paulo: Ática, 2000.

CRULS, Gastão. **Arte Indígena**. In: ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de (Org.). **As Artes Plásticas no Brasil**. v. 1. Rio de Janeiro: Sul América/Lar Brasileiro, 1952.

GOELDI, Emílio. **Cerâmica Marajoara: a comunicação do silêncio**. Disponível em:< <http://www.museu-goeldi.br/portal/sites/default/files/Downloads/Cat%C3%A1logo%20Cer%C3%A2mica%20Marajoara.pdf>>. Acesso em: 31/Mai/2016.

MARTINS, Andreia. **Darcy Ribeiro e 'O Povo Brasileiro': obra ainda é chave para entender a formação étnica e cultural do Brasil**. Disponível em: <http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/darcy-ribeiro-e-o-povo-brasileiro-obra-ainda-e-chave-para-entender-a-formacao-etnica-e-cultural-do-brasil.htm>. Acesso em 01/Ago/2016.

MATTOS, I. M. **“Civilização” e “Revoltos” povos Botocudos e Indigenismo Missionário na Província de Minas**. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade de Campinas, Campinas.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. **Darcy Ribeiro**. Fontes de Educação: Guia para Jornalistas. Fórum Mídia & Educação, 2001.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ática, 2000.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes curriculares da educação básica: arte**. Curitiba, 2008.

QUINTANILHA, Denise Penna; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **A arte-educação após a Lei 9.394/96: diretrizes políticas e a ação docente nas escolas municipais de Presidente Prudente**. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao_e_Arte/Trabalho/08_37_36_A_ARTE_EDUCACAO_APOS_A_LEI_9394_96_DIRETRIZES_POLITICAS_E_A_ACAODOCENTE_NAS_ESCOLAS_MUNICIPAIS_DE_PRESIDENTE_PRUDENTE.PDF>. Acesso em 31/Mai.2016.

RESUMO ESCOLAR. **Arte Indígena**. Disponível em:<<http://www.resumoescolar.com.br/artes/arte-indigena>>. Acesso em 31/Mai/2016.

RIBEIRO, Darcy. **Darcy, um brasileiro**. 1h'41m"43s. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WXYN_dtTSMg>. Acesso em 01/Ago/2016.

SILVA, Marisa Tsubouchi. **Ensino de Arte nos Estados Unidos e no Brasil**. In.: Comunicação & Educação, São Paulo (14), 49 a 52, jan./abr. 1999.
SHOKO SUZUKI. Cerâmica e Tradição. 23'19". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TXkGuSprvGc>>. Acesso em 13/Jun./2016.

UFRGS. **Histórico do ensino de Arte no Brasil e perspectivas**. Disponível em: <<http://penta3.ufrgs.br/CAEF/PCNArte/historico.html>>. Acesso em 31/Mai/2016.